



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

PER-CURSO HISTÓRIAS ANCESTRAIS: a aplicação das leis 10.639/03 e 11.649/08 na experiência extensionista na Baixada Fluminense

Gabriel de Carvalho Gomes – PPGECC-UERJ/FEBF

Compreendendo as relações sociais no Brasil provenientes do processo de colonização de forma que ainda hoje a sociedade em questão experimenta o contínuo desse evento (Quiiano, 1992), e por considerar que há uma distorção histórica na concepção a respeito das comunidades tradicionais (Freire, 2000), que o presente trabalho se detém a analisar o programa “Per-curso Histórias Ancestrais: indígenas e africanos na Baixada Fluminense” realizado pelo GPEC A Cor da Baixada. A pesquisa de cunho documental pretende a partir do formulário de inscrição do referido per-curso identificar a demanda pela temática da ancestralidade. A pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, mas já foi possível identificar uma demanda não só acadêmica, mas social pelo debate em questão, ainda foi possível conceber a metodologia proposta para os estudos de campo como potentes meios didáticos que usa de uma experiência biointerativa (SANTOS, 2015) possibilitando o alargamento da subjetividade dos participantes.

Palavras Chaves: Indígenas, Ancestralidade, Decolonialidade, lei 11.645/08

A especificidade da relação ao que diz respeito ao pensamento social sobre as comunidades tradicionais sofre uma interferência histórica de pressupostos assimilacionistas. Segundo o Professor Doutor José Ribamar Bessa Freire indica que esses pressupostos são ideias equivocadas a respeito das populações indígenas. Em um artigo publicado na Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH) em 2000 (dois mil) o autor destaca 5 (cinco) indexações por qual a sociedade brasileira costuma significar os povos indígenas e suas culturas e que merecem ser urgentemente discutidas. São elas: a ideia do índio genérico; as culturas indígenas como atrasadas; os indígenas como uma cultura que não é dinâmica e que não muda, sendo a ideia de culturas congeladas; outro equívoco citado pelo autor é a ideia de que os indígenas pertencem ao passado; Freire ainda fecha seu texto considerando um último



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

equivoco como ideia de que o brasileiro não é índio, segundo ele se constitui pela não consideração pela parte dos brasileiros da existência dos povos indígenas na formação de suas identidades. Neste trabalho o autor ainda considera que essa deformação da imagem dos povos indígenas é originada pelos poucos feitos para que conhecêssemos a história indígena. Ele julga importante o conhecimento da história indígena e do que foi acometidas essas populações para a compreensão do Brasil contemporâneo. Ainda diz que entender sobre as populações indígenas não se trata apenas da descoberta do outro ou do diferente, mas que essa ação reverbera em indagações e reflexões críticas sobre a nossa sociedade.

O campo das ciências humanas tem suscitado discussões a respeito da urgência da decolonialidade a fim de superar a experiência moderna, hegemônica e excludente das diferenças. O autor Anibal Quijano se inscreve nesse debate entendendo a modernidade enquanto invenção europeia e como uma continuidade da colonialidade. O autor considera que a colonialidade europeia não atua apenas em uma disputa para um colonialismo político, mas que manifestasse também enquanto dominação cultural, fenômeno que consiste na imposição de crenças, imagens, e imputa a sociedade uma problemática em torno da forma de conhecer e produzir, impondo um padrão recortado por suas crenças e mitos. De forma que estabelece uma produção de subjetividade direcionada a convicções monológicas a respeito da forma de viver no mundo. O que acaba por reservar as culturas derivadas de outras ontologias o lugar de “subculturas camponesas iletradas, condenadas à oralidade. Isto é, despojadas de padrões próprios de expressão formalizada e objetivada, intelectual, plástica ou visual” (Quijano, 2005, p.121).

Os debates pós-modernos dos quais emergem outras teorias que refutam, questionam e pretendem transgredir a colonialidade, contribuem para a sociedade de forma que vemos a ascensão de diversos autores pertencente a diferentes povos tradicionais. A exemplo o Ailton Krenak importante liderança indígena que participou de



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

muitos movimentos pelos direitos dos povos originários, participando até da constituinte em na década de 1980, e no ano de 2023 veio a ser reconhecido como imortal pela Academia Brasileira de Letras. A trajetória de Ailton Krenak nos indica sobretudo que as enunciações dos povos tradicionais não começaram a se dar somente no presente embora só agora tenham conseguido alcançar qualquer mecanismo de amplificação de suas vozes. Os movimentos que vemos hoje por parte de alguns setores da sociedade de comoção com as temáticas dos povos tradicionais e indígenas, principalmente iniciativas acadêmicas universitárias de militâncias pelas histórias e memórias indígenas bem como como seu reconhecimento e o reconhecimento das tais culturas como constitutivas de um Brasil tem forte influência do Marco regulatório lei 11.645/08 segundo a Chiquinha Paresi, 2018 no âmbito do debate de 10 anos da lei em questão.

A procura pelas histórias dos povos indígenas despertou interesses de diferentes setores da sociedade para conhecer o cotidiano das populações. Pesquisadores de distintas universidades passaram a focar seus olhares no interior das aldeias. O intercâmbio entre aldeias e cidades foram fundamentais para que as populações pudessem conhecer a cultura, os costumes e tradições dos seus vizinhos munícipes. Para os povos indígenas é uma oportunidade de se relacionarem com a sociedade envolvente numa outra dimensão de humanidade e conhecimento (Ângelo, 2018, p. 371).

A Lei 11.645/08 se constitui enquanto marco que regula a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas da educação básica, o que muda a dinâmica do nível de ensino, mas também altera muitos currículos acadêmicos do ensino superior introduzindo o debate nas diferentes licenciaturas, cursos como história, sociologia, ciências sociais e antropologia de forma cada vez mais crítica



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

e confluída. Segundo Chiquinha Paresi o reconhecimento das pluralidades étnicas indígenas ainda é um desafio. A autora considera que as iniciativas de debate muitas vezes se localizam na vontade dos gestores das instituições e chama a atenção salientando que o assunto deve ser tratado enquanto política pública de Estado e não de governo. Neste sentido, reforça a importância da lei entendendo que sua consolidação “[...] representa a reversão do modo de pensar, do agir e do olhar o outro despido de preconceito e rancores históricos (Ângelo, 2018, p. 371).

As heranças das ancestralidades indígenas no Recôncavo da Guanabara, território atualmente conhecido como Baixada Fluminense, podem ser encontradas nas histórias e nas referências materiais e imateriais do patrimônio local e regional. O Grupo de Pesquisa e Extensão Cultural A Cor da Baixada (UERJ/CNPQ) ao longo das últimas décadas, em associação com o Museu Vivo do São Bento e a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) têm acumulado e se proposto a produzir, pesquisar e divulgar as memórias ancestrais da Baixada Fluminense através de processos formativos que contam com cursos de extensão, exposições, apresentações teatrais e estudos de campo voltado para a formação pedagógica e a produção cultural. No ano de 2023 muito inspirado e pactuando com as leis 10.639/03 e 11.645/08 e com a intenção de adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019) a partir da confluência (SANTOS, 2015) com outras perspectivas ontológicas. Que o grupo propôs o Per-curso Formativo Histórias Ancestrais: indígenas e africanos na Baixada Fluminense, inicialmente chama atenção na experiência dessa atividade a terminologia “per-curso” que segundo o Dr Nielson Bezerra, coordenador do GPEC A Cor da Baixada, se dá pelo entendimento de que a atividade se propõe na disponibilidade em andarilhar o território e logo a própria história. O “per-curso” se estruturou com uma vasta programação de estudos de campo entendidos enquanto aulas realizadas em coletivos que saem da sala de aula para atividades externas, algumas vezes também compreendidas como Estudo de Meio.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Figura 1 – Aldeia Mata Verde Bonita



Fonte: Arquivo GPEC A Cor da Baixada

Em uma perspectiva de ancestralidade, o estudo de campo proporciona um contato com a natureza gerando confluências e biointeratividade, de acordo com as ideias de Antônio Bispo dos Santos (2015). Pode se considerar este um processo de aprendizado que se dá no envolvimento possibilitando sobretudo um alargamento da subjetividade dos participantes configurando se enquanto metodologias alternativas as dinâmicas escolarizantes tradicionais ainda bloqueadas a se afetar com o mundo. Se lidos nos termos de ancestralidades dos povos indígenas também recorrentes nas perspectivas de Ailton Krenak que considera que o Rio Doce que recorta o seu quintal como Rio-Avô e ainda declara que a noite ele canta (Krenak, 2022, p. 13-14), os estudos de campo também podem ser compreendidos enquanto práticas que mobilizam os participantes a outras formas de posicionamento no mundo e relação com a natureza.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Figura 2 – Sambaqui do São Bento/Museu Vivo do São Bento



Fonte: Arquivo GPEC A Cor da Baixada

A pesquisa ainda se encontra em desenvolvimento, a fase atual é de análise do formulário de inscrições dos participantes do “per-curso” pode se observar uma grande busca pela temática proposta, configurando o número de 437 pessoas inscritas. A sua maioria estudantes do nível superior de ensino, ou professores da educação básica. No entanto também se encontra um expressivo contraste de agentes culturais da região da Baixada Fluminense que se inscreveu na referida atividade. Pelo número de inscritos geral e pelo acesso ao contraste do perfil institucional das pessoas inscritas é possível observar e já indicar a existência de uma demanda sobre as temáticas ancestrais e o debate da descolonização filosófica da formação da sociedade brasileiras, sobretudo nas periferias do estado do Rio de Janeiro. Ainda é possível observar a partir das pessoas fazedoras de cultura e de pessoas sem vínculos institucionais universitários e na inscrição de alunos da educação básica, que essa demanda e discussão pode ser considerada enquanto demanda social que ultrapassa os muros da universidade. Pois analisando as justificativas dos inscritos para participar do per-curso ganha destaque uma narrativa de que o que motiva a participação é a possibilidade de conhecimento das histórias do território em que vive e de identificação e pertencimento com essas histórias, de forma, que seja possível reelaborar o pensar e o modo de existir e se posicionar no mundo.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Referências

ÂNGELO, Francisca Navantino P. de (Chiquinha Paresi). **OS DEZ ANOS DA LEI Nº 11.645/2008: AVANÇOS E DESAFIOS**. Cadernos CEDES (UNICAMP) Impresso , v. 39, p. 357-378, 2019.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH)**. No 01 – setembro 2000. P.17-33.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

Krenak, Ailton. **Futuro ancestral / Ailton Krenak**. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. In: **Perú Indígena** (Lima) Vol. 13, Nº 29, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Buenos Aires, 2005.